

Festival folclórico de Parintins: Turismo e os impactos espaciais no ambiente urbano.



Vilsélia de Souza Pires¹

Resumo

A cidade de Parintins ganhou destaque nacional e até internacional através da grandiosidade obtida pelo Festival Folclórico de Parintins, que tem como sustentáculo principal a disputa dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Durante os três dias de realização do Festival, a pequena ilha com aproximadamente 102.033 hab. (Censo IBGE 2010) recebe em torno 100.000 turistas, por via fluvial ou via aérea. O presente artigo apresenta um novo olhar sobre o Festival Folclórico de Parintins, se propõe a avaliar as ações do turismo decorrentes do Festival, considerando os impactos espaciais em suas dimensões de sustentabilidade: ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos no perímetro urbano do Município de Parintins-AM.

Palavras-chave: Festival Folclórico. Parintins. Turismo. Sustentabilidade.

Abstract

The city of Parintins gained national and even international prominence through grandiose obtained by Parintins Folkloric Festival, which has helped support the main contention of the oxen Garantido and Caprichoso. During the three days of the Festival, a small island with approximately 102,033 inhabitants. (IBGE Census 2010) receives around 100,000 tourists, by river or air. This paper presents a new look at Parintins Folkloric Festival, aims to assess the tourism actions arising from the festival, considering the impacts on their spatial dimensions of sustainability: environmental, social, cultural, economic and political in the urban area of the Municipality Parintins-AM.

Keywords: Folkloric Festival. Parintins. Tourism. Sustainability

¹ Geógrafa, Mestra em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia

Introdução

*Meu coração é vermelho. Hei, hei
De vermelho vive o coração. Ê, ô, ê, ô
Tudo é Garantido após a rosa avermelhar.
Tudo é Garantido após o sol vermelhecer...
(Chico da Silva)*

*Das minbas cores meu canto é franco
O azul do céu e o branco é o encanto
E o meu boi Caprichoso bailando de novo.
Renasce com ele encantando meu povo.
Ninguém gosta mais desse boi do que eu!
(Carlos Paulain)*

Parintins, município do interior do Amazonas, localiza-se à margem direita do rio Amazonas, numa área de 5.978 km² e distam 369 km da capital, Manaus, em linha reta e 420 km por via fluvial. A população é estimada em 102.033 habitantes, sendo 69.890 residentes em área urbana e 32.143 em área rural, sendo o segundo município do estado em contingente populacional, ficando atrás apenas da capital. (IBGE, 2010).



Figura 1: Parintins vista aérea
FONTE: [WWW.seplan-am.gov.br](http://www.seplan-am.gov.br)²

² Disponível em < <http://www.google.com.br/parintins/>> Acesso em jun 2013.

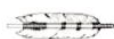
A cidade obteve destaque nacional e internacional através de seu festival folclórico que desponta como um dos maiores do Norte do Brasil. A festa identifica-se pela figura central do boi-bumbá e divide literalmente a cidade em dois lados: azul (boi Caprichoso) e vermelho (boi Garantido).

Agrega também outras manifestações culturais: nos meados de junho é realizada a abertura do festival folclórico com disputa de quadrilhas e bois-bumbás mirins e, no último final de semana de junho é dedicado exclusivamente à disputa dos bois Garantido e Caprichoso que atraí para a cidade milhares de turistas, além da transmissão ao vivo pelos canais de televisão. Em outubro acontece o Festival de Miniaturas, que vem ganhando notoriedade, por se tratar igualmente de uma disputa entre Garantido e Caprichoso, onde retrata o Festival miniaturizado com toda a evolução dos itens e a movimentação de alegorias.

A eleição da temática faz questão de demonstrar a natureza amazônica da autora. Nascida no interior do município de Parintins tem no convívio com os rios e florestas que cercam a Ilha Tupinambarana o alicerce de sua formação. Ainda criança já experimentava o que identifica aqui como o início da brincadeira, e, por acompanhar de perto as modificações ocorridas ao longo do tempo, percebeu que estas ocasionavam variações no espaço urbano após o espetáculo e a população residente experimentava outra realidade muito diferente do clima contagiante da festa.

Da brincadeira ao espetáculo

Os bumbás de Parintins originaram-se inspirados na cultura maranhense e juntos promovem uma das maiores manifestações culturais da do Norte do Brasil e revela o aspecto criativo de um povo miscigenado, que, como brasileiro recebeu influência de outras culturas decorridas do processo de colonização do país.



Kroeber apud Laraia (2009; 49) identifica a cultura como “um processo acumulativo resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Esse processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo”. Deste modo, a criatividade que o parintinense imprime a sua arte deve-se em grande parte ao acervo de conhecimentos e experiências transmitidos através de gerações.

Mas, a festa do boi-bumbá em Parintins percorreu várias etapas para que se constituísse no espetáculo que hoje se apresenta. Para um entendimento da configuração atual do Festival, faz-se necessária uma breve retrospectiva sobre a gênese dos bumbás, que possuem alguns elementos constituintes similares, entre estes a concepção a partir do imaginário nordestino, uma vez que foram trazidos por descendentes de migrantes dessa região. As pessoas que se dedicam à pesquisa sobre a origem do boi-bumbá de Parintins não chegam a um consenso sobre a data da criação, pois não há registros oficiais do ano exato da fundação dos bumbás, o que se apresenta visível são os relatos dos moradores mais antigos que datam o surgimento dos bumbás por volta da metade do século XX.

Sobre o boi Garantido, Valentim (2005; 98) embasado em pesquisadores locais, assinalou que o boi Garantido teve como

seu fundador foi Lindolfo Monteverde, pescador e agricultor, filho de marinheiro e ex-escravo maranhense Marcelo Rolim, de quem, seguramente ouvira as histórias das danças dos bois de pano da sua terra natal. [...] aos 13 anos de idade, Lindolfo já brincava de boi, quando adoeceu e fez uma promessa a São João Batista: se recuperasse sua saúde, colocaria um Boi pra dançar nas casas e ruas de Parintins, todos os anos, em junho, para o restante de sua vida. Ficou bom e, na antiga estrada Terra Santa, hoje Avenida Lindolfo Monteverde, fundou o Boi Garantido, conhecido até hoje como o ‘Boi da Promessa’.

No início a “brincadeira de terreiro”, era mantida com recursos próprios da família do criador e as fantasias confeccionadas pelos próprios brincantes da Baixa (lugar próximo a orla do rio Amazonas, na parte norte

da cidade). Lindolfo fez seu boi branco, adotando as cores vermelho e branco e tendo como símbolo um coração na testa.

O boi Caprichoso nasceu adotando as cores azul e branco, denominando sua batucada de marujada de guerra e tendo como símbolo uma estrela na testa. No entanto, pesquisadores e folcloristas da terra, baseados igualmente nos relatos dos mais antigos não chegam a um consenso sobre a sua fundação. Valentin (2005) apud Assayag (1995) registrou que

Antes do Caprichoso, havia o boi Galante, primeiro rival do Garantido, criado em 1913 por Emídio Vieira, conhecido como 'Tracajá'. Em razão de uma briga interna no Galante, Emídio se afastou da brincadeira e foi substituído pelos irmãos Roque e Tomaz Cid, recém chegados do Ceará que teriam feito uma promessa de 'pôr' um boi caso seus empreendimentos comerciais fossem bem-sucedidos em Parintins. Eles fizeram um novo boi e o batizaram de Caprichoso, em 20 de outubro de 1913 (VALENTIN, 2005, p. 98).

Silva (2011) apud Saunier (2003) aponta que o

O Caprichoso nasceu em Manaus, em 1912 e foi trazido a Parintins, em 1913, pelo Sr. Emidio Rodrigues Vieira. Foram seus iniciadores no boi, Luiz Gonzaga, José Leocádio, Emílio Silva, os irmãos Cid: Raimundo, Pedro e Felix cearenses, naturais de Crato, e tantos outros. Uma versão aponta que quem trouxe o Caprichoso foi o Cel. José Furtado Belém, quando visitou a Praça 14, em Manaus, onde o boi se apresentava, em 1913. Já outra versão, diz que o Caprichoso foi fundado em março de 1925. [...] (p.206)

Vale mencionar, segundo Valentin (2005; 98) que os dois bois – Garantido e Caprichoso não têm suas histórias de fundação documentadas com precisão devido à escassez de registros escritos e as fontes disponíveis serem baseadas *a priori* em informações orais.

Importante ressaltar que ambos possuem em sua gênese o elemento religioso com pagamento de promessas a santos católicos, como propulsor de sua criação. Nogueira (2008; 108) em estudos sobre festas amazônicas realçava que a origem da festa boi-bumbá tem suas raízes na



festa do bumba-meu-boi, que se alastrou com muito vigor em vários cantos do país, se consolidando como uma produção simbólica.

Pelo passado, o boi-bumbá tinha características muito próximas dos folguedos nordestinos e se traduzia em uma brincadeira onde pessoas humildes realizavam nos terreiros e nas ruas com encenação de elementos constituintes do auto do boi (pai Francisco que cortava a língua do boi mais bonito da fazenda para atender o desejo de sua esposa grávida, mãe Catirina. Nesse contexto, surgem ainda outros personagens como o Gazumbá, o amo da fazenda, os vaqueiros, entre outros).

A brincadeira em si se apresentava com o boi de pano que desfilava pelas ruas da cidade, dirigido por um brincante denominado de *tripa*, seguido pelos vaqueiros ao som da batucada ou marujada. Atrás dos brincantes seguiam os simpatizantes acompanhando as toadas (músicas) e o verso do amo do boi.

Desde o início a festa teve como diferencial a rivalidade acirrada entre os dois. Contam os mais antigos que, ao saírem nas ruas da cidade, dançando no ritmo de toadas (música criada para decantar o tema) ao redor de fogueiras dispostas previamente nas frentes das casas, inevitavelmente se encontravam e, esse encontro dos dois grupos de brincantes sempre acabava em briga, na maioria das vezes com lutas físicas e até pauladas. A cada vitória ou derrota, os bois saíam às ruas para comemorar a vitória almejada ou a derrota obtida e, eram nessas “passeatas” que aconteciam as brigas. Essa rivalidade só aumentou no decorrer da brincadeira e, para evitar os confrontos, o “território” de cada um foi se delineando naturalmente, dividindo a cidade literalmente em lado azul (da Catedral ao bairro da Francesa) e lado vermelho (da Catedral à Baixa do São José).



Figura 2: Garantido x Caprichoso

FONTE: WWW.amazondestinations.net³

Com o passar do tempo a festa ganhou importância e grandiosidade e o que era uma brincadeira nas ruas de Parintins começou a reunir os expectadores e torcedores em um único lugar. Por iniciativa do clube de futebol Juventude Alegre Católica - JAC, na pessoa do jovem Raimundo Muniz, disponibilizou a quadra do Clube para a apresentação dos bois. Em seguida foi transferida para o Parque das Castanholeiras, hoje Quadra Poliesportiva “Pe. Silvio Miotto”. Nos dois momentos, havia discordância dos bois pela proximidade com o terreno contrário.

Finalmente em 1987, o governo municipal se inseriu na organização do evento e construiu um grande palco de madeira, denominado de “Tabladão”. Atualmente edificado em concreto com estruturas de ferro e aço com capacidade para 45.000 pessoas, o “bumbódromo” como é chamado está sendo ampliado para receber mais de 70.000 pessoas. A crítica da população local referente à atual reforma é que ela se concentra na ampliação de áreas cobertas e de maior valor, os

³ Disponível em < <http://www.google.com.br/parintins>:> Acesso em jun 2013.

camarotes, enquanto que os torcedores das arquibancadas continuarão expostos ao sol e chuva em busca de um lugar para assistir e torcer pelo bumbá de sua preferência.

A organização dos bumbás também passou por estruturações ao longo do tempo, e o que antes era uma festa promovida por famílias passou a ser regida na forma de Associação, administrada por presidentes através de eleições pelo período de 4 anos, podendo ser prorrogado por igual período, se assim os sócios decidirem.

O componente artístico também sofreu modificações em vários aspectos. O componente indígena é inserido e evidenciado na estrutura da retração amazônica: lendas, rituais e itens brincantes como o pajé (curandeiro da tribo) e a cunhã-poranga (índia mais bonita da aldeia). Os brincantes, antes vizinhos e simpatizantes do boi que confeccionavam suas próprias fantasias, passaram a denominar-se itens, concorrendo em 21 categorias com o “boi contrário” (expressão utilizada pelo torcedor para se referir ao boi oponente ao seu), sendo assim identificados: 1. Apresentador; 2. Levantador de Toadas, 3. Batucada (ou Marujada no caso do Boi Caprichoso), 4. Ritual Indígena, 5. Porta-Estandarte, 6. Amo do Boi, 7. Sinhazinha da Fazenda, 8. Rainha do Folclore, 9. Cunhã-Poranga, 10. Boi-bumbá Evolução, 11. Toada, Letra e Música, 12. Pajé, 13. Tribos Indígenas, 14. Tuchauas, 15. Figura Típica Regional, 16. Alegorias, 17. Lenda Amazônica, 18. Vaqueirada, 19. Galera (torcida), 20. Coreografia e 21. Organização do Conjunto Folclórico.

Na confecção de fantasias, nos galpões se distribuem costureiras, artesãos, “artistas de ponta” (nome dado do artista responsável das alegorias), soldadores e aderecistas. Conta também com estrutura administrativa, dividida em setores como Comissão de Artes, Financeiro, Social e Presidência. Há ainda o setor responsável pelos bailarinos que agrega os coreógrafos principais, responsáveis pela cênica da apresentação.

Vale ressaltar que os chamados Artistas-Artesãos de Alegorias ganharam destaque nacional ao serem contratados para fazer esse mesmo trabalho nos Carnavais do Sudeste e no circuito Amazonas-Pará, em municípios que promovem festas similares ao Festival de Parintins, como “Festa das Tribos” em Juruti-PA, “Sairé” em Alter do Chão, em municípios no interior do Amazonas e a própria capital do Estado, Manaus, no carnaval e no Festival Folclórico. Vale mencionar que não são apenas os Artistas de alegoria que estão sendo exportados, o componente musical (músicos e bailarinos) também exporta sua arte a vários lugares.

Com as mudanças ocorridas na brincadeira, foram incorporados outros elementos regionais como elementos da cultura indígena como cunhá-poranga (mulher mais bonita da aldeia) e o pajé (feiticeiro da tribo). Destaque também na modificação acústica ocorrida na encenação: no início os instrumentos utilizados eram grandes tambores rústicos, chocalhos e palminhas. Atualmente, além de ampla sonorização, foram agregados ao ritmo, instrumentos como caixinhas, repiques, teclados computadorizados, violões, charangos, guitarras, cavaquinhos, flautas, saxofones, entre outros compondo uma verdadeira orquestra montada para satisfazer o público, empregando às toadas um novo ritmo para decantar o enredo amazônico. Lima apud Carney (2007), comenta que a “A música é uma das características que contribuem para o desenvolvimento de uma região e frequentemente é utilizada como um instrumento promocional para as regiões [...]”.

As transformações verificadas nos componentes artísticos, na estrutura física destinada à apresentação, e, principalmente pela mediatização envolvida em torno da festa, conferem ao boi-bumbá de Parintins atualmente um espetáculo mundializado, revelando a globalização de uma cultura.

O Festival Folclórico de Parintins constitui [...] um exemplo palpável de como uma estrutura econômica hegemônica, na busca incessante de lucros crescentes, busca adaptar-se à cultura local, ao mesmo tempo em que provoca uma



reconfiguração na organização do evento interiorano, transformando-o em um espetáculo mundializado (MELLO, 2010; 73).

Assim, o poder hegemônico através de inúmeras estratégias busca de várias formas a obtenção de lucros, ao contraponto desse processo, a população local, principalmente os mais antigos, procuram se adequar a essas transformações, almejando em primeira instância, conservar seu patrimônio cultural, ainda que passe por uma hibridização cultural no decorrer do processo.

O outro lado do espetáculo: o turismo e seus impactos na sustentabilidade local

A atividade turística se apropria dos espaços em que se realiza e participa ativamente na produção espacial, uma vez que, através de suas ações ocorre uma transfiguração dos aspectos da paisagem, transformando os lugares.

O turismo é um fenômeno que acarreta a transferência de capital de um país para outro através do movimento de turistas que vão a um certo "produto" turístico e o consomem. São consumidores em potencial do complexo de bens e serviços que é oferecido com um objetivo específico. O turismo, através dos seus aspectos de consumo e investimento, afeta diversos setores do sistema econômico de um determinado país, e acredita-se que seu efeito multiplicador seja mais alto do que o observado em outros setores da economia tais como a indústria ...(Salah & Abdel,1991).

A intensificação da divulgação do Festival ocasionou crescente procura pelo “produto” turístico Festival Folclórico de Parintins, mais especificamente para presenciar a disputa entre os bois Garantido e Caprichoso e hoje, durante três dias no mês de junho, atrai para a ilha um elevado número de visitantes, se configurando como um turismo de massas, que é aquele realizado por pessoas de menor nível de rendimentos, viajando em grupos, com gastos reduzidos e permanência de curta duração.

Segundo afirmam Mathieson e Wall (1982 *apud* Ferreira 2006), o turismo de massa está rodeado, mas não integrado na sociedade receptora. Ou seja, ele acontece, mas o turista não está interessado em conhecer a cultura da sociedade receptora, sendo assim, não respeitam ou conservam os patrimônios culturais da mesma. O perfil deste turista é não se preocupar com o destino e ser pouco interessado pela história da cidade.

Entretanto, no período que compreende os meses de outubro a dezembro, as agências de viagens promovem a *tour* turístico, voltado a um público internacional, através de transatlânticos, que inclui a visitação nos “currais” dos bumbás (local destinado aos ensaios pré-festival) na cidade e em outras localidades na área rural do Município como a comunidade Valéria, detentora de forte potencial arqueológico e Vila Amazônia, pelas potencialidades em paisagens naturais.

Assim, o turismo praticado em Parintins, quanto à forma, é receptivo por atender ao turismo interno e externo e quanto à modalidade, é cultural por “abranger as atividades que se efetuam através de deslocamentos para a satisfação de objetivos com relação a emoções artísticas, científicas, de formação e de informação nos vários ramos existentes”. (ANDRADE *op.cit.*,71). Para a EMBRATUR, orientada pelo Decreto 7.381 (2010), o turismo “é aquele que se pratica para satisfazer o desejo de emoções artísticas e informação cultural, visando a visitação a monumentos históricos, obras de arte, relíquias, concertos, musicais, museus, pinacotecas.”

A dinâmica turística é necessária para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural, mas, praticada de maneira intensificada, requer orientação de perspectivas sustentáveis, de modo a conceber a festa não apenas como um “produto” turístico, mas sob as premissas das dimensões de sustentabilidade.

Para compreensão das dimensões do desenvolvimento sustentável é necessária uma rápida descrição de cada uma dessas categorias.



Nascimento (2010; 55-56) nos auxilia na síntese das dimensões ambientais, sociais e econômicas: a primeira dimensão considerada é a **ambiental**, por supor que o modelo de produção e consumo vigente deve ser compatível com a capacidade a base material que assenta a economia, como subsistema do meio natural. É a dimensão mais defendida pelos autores desde as Conferências Ambientais da década de 70, por compreender e respeitar as dinâmicas do meio ambiente e, por entender que o ser humano é apenas uma das partes deste ambiente e depende do meio que o cerca. (Rattner, 1999).

A dimensão **econômica** concebe o aumento da eficiência da produção e do consumo com economia crescente dos recursos naturais com destaque para o uso das fontes fósseis de energia e recursos frágeis e mal distribuídos, ou seja, avaliada em termos sociais e não apenas sob a ótica empresarial. No entanto, Ratner (1999) alerta que para a sustentabilidade ser alcançada, deve haver uma racionalização econômica local, nacional e planetária, porém, a implementação dessa sustentabilidade depende de uma autoridade nacional. Considerando que desenvolvimento não é sinônimo de crescimento econômico, principalmente quando ele não é incluyente e contempla apenas uma minoria elitista, ocasionando desemprego, aumentando a desigualdade e a competitividade. Sachs (2006; 15-16).

A dimensão a **social** prevê que uma sociedade é sustentável quando todos os cidadãos têm o mínimo necessário para uma vida digna, onde os recursos naturais e energéticos sejam utilizados sem prejudicar outrem. Não ocorrendo isso, ficam evidentes a pobreza e a desigualdade social.

Na dimensão **cultural**, (Sachs, 1993) aponta como primordial o respeito à cultura de cada local, garantindo a continuidade e equilíbrio entre a inovação e a tradição. Esta dimensão direciona-se às raízes endógenas dos modelos de modernização e dos sistemas integrados de produção,

privilegiando as transformações ocorridas na essência da continuidade cultural, respeitando as especificidades de cada ecossistema, cultura e local.

A dimensão **política**, a esfera nacional, baseada na democracia e no respeito aos direitos humanos, o Estado deveria implementar projetos em parceria com empreendedores em concordância social. Para tanto, é necessária a mobilização da sociedade como um todo englobando o papel do governo, (Sachs, 1993). A abrangência das instituições e do empresariado nesta dimensão, muitos autores tem chamado de sustentabilidade institucional.

Desta maneira, as consequências do crescente grau de massificação do turismo no local ocasionam entre outros a intensificação da utilização das infra-estruturas e equipamentos turísticos, a excessiva utilização dos espaços resultando na sua destruição, a perversão da calma e repouso e a degradação dos monumentos e espaços públicos destinados à realização do evento.

Assim, torna-se de interesse coletivo que os órgãos públicos, juntamente com a associação dos bumbás em coesão com a sociedade civil, planejem a atividade turística com cuidado, de modo que não venha acarretar danos negativos na região, como falta de mobilidade e um aumento no consumo de drogas, prostituição e outros problemas que podem ser evitados.

Considerações Finais

O paradoxo do Festival de Parintins, entretanto, pode ser verificado na pobreza de seu povo, em detrimento com o luxo da Festa. Poucos desfrutam dos benefícios e o capital circula na cidade por exatos três meses (no caso dos trabalhadores dos galpões) e em três dias (para serviços como hospedagem, alimentação e lazer).

Desta forma, o que começou com uma simples brincadeira, oriunda de uma promessa a São João, é hoje um dos espetáculos de



repercussão nacional e até internacional, Alavancado principalmente pela mídia televisiva. Há alguns anos que as principais emissoras de canal aberto do país concorrem para a transmissão desse produto (Band, Record, Globo). Sim, pois, o Festival de Parintins passou a ser produto comercializável, agregando patrocínios expressivos como a Coca-Cola, Cervejarias, Bradesco e outros, que, na ocasião mudam até as cores dos seus logos.

Ao ponderar sobre a dinâmica da ação espacial do turismo em Parintins sob a análise das dimensões sustentáveis, verifica-se que aspectos primordiais sustentabilidade ainda são incipientes no Festival de Parintins. O Município se empenha em oferecer um espetáculo cada vez mais especializado ao público expectador, em resistência, o “povão” e, principalmente os mais antigos, envidam esforços para que a Festa não perca sua tradição. Os brincantes da batucada e a “galera” (torcida), únicos itens atualmente não-remunerados se dedicam literalmente de “corpo e alma” na busca anual do tão sonhado título de sua agremiação preferida.

Referências

ANDRADE, J.V. de. *Turismo - fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 1997.

BRASIL, *Decreto n. 7.381, de 2 de dezembro de 2010*. Regulamenta a Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, e dá outras providências.

FERREIRA, Iane Carolina Rodrigues. *Os impactos sociais, econômicos e culturais do turismo em Guaramiranga*. 2006. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/guaramiranga.html>> Acesso em: 10 junho 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 2009.

LIMA, V. de A. *No contorno da serra: campesinato, cultura e turismo em Guaramiranga-CE*. 2010. 162f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro – SP, 2010.

MELLO, Noval Benayon. Globalização, Ideologia e Cultura: aspectos da desterritorialização do Festival Folclórico de Parintins. In: PAULA, Eider Andrade de; WITKOSKI, Antônio Carlos. *Processo de territorialização e identidades sociais*. São Paulo: Rima Editora, 2010. P. 58-73.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. *Trajatória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico*. Estud. av. vol.26 n.74 São Paulo 2012.

NOGUEIRA, Wilson. *Festas Amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé*. Manaus: Valer, 2008.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado*. Ed. Garamond, 2006.

_____. *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Nobel, 1993.

RATTNER, Henrique. *Por caminhos alternativos da sustentabilidade*. In: Seminário dinâmica do desenvolvimento na era da internacionalização da economia, 2., 2001, Natal. Trabalhos, 2001.

_____. *Sustentabilidade: uma visão humanista*. In: Ambiente e Sociedade, jul/dec. 1999, n. 5, p. 233-240.

SALAH, E. & ABDEL, W. *Introdução à administração do Turismo: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional, teoria e prática*. São Paulo: Pioneira, 1991.

SILVA, Rosângela Gomes da. *A Festa do Boi-Bumbá e a Reprodução da Cultura Popular*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura – Universidade Federal do Amazonas, 2010.

VALENTIN, Andréas. *Contrários: a celebração da rivalidade dos bois-bumbás de Parintins*. Manaus: Valer, 2005.

